

As Capitais Brasileiras e suas Designações para Isqueiro: um Estudo com os Dados do ALiB

The Brazilian Capital and its Designations for Lighter: a Study with ALiB Data

Amanda Chaford¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Dayse de Souza Lourenço Simões²

Universidade Anhanguera

Resumo: Esta pesquisa vincula-se ao projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB – e se insere no campo dos estudos lexicais que, no português brasileiro, reflete as inúmeras variações existentes. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, propomos verificar as designações para isqueiro por meio das respostas obtidas para a questão 173 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) “Para acender um cigarro, se usa fósforo ou?”. O *corpus* constitui-se dos dados registrados nas capitais brasileiras, exceto Palmas e Brasília, perfazendo um total de 200 informantes, estratificados segundo as variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (nível fundamental e nível superior). Para tanto, objetivamos: (i) fazer um levantamento das variantes registradas nas capitais do Brasil; (ii) mapear a distribuição dessas variantes pelo território brasileiro; (iii) identificar quais as variáveis que contribuem para a escolha de uma ou outra designação; e, (iv) se possível, traçar áreas de isoléxicas.

Palavras-chave: Atlas Linguístico do Brasil; Variação lexical; Capitais brasileiras.

Abstract: This research is linked to the Linguistic Atlas of Brazil project – ALiB – and is inserted in the field of lexical studies that, in Brazilian Portuguese, reflects the numerous variations that exist. Based on the theoretical and methodological assumptions of the Pluridimensional Dialectology, we propose to verify the designations for lighter by means of the answers obtained for question 173 of the ALiB Semantic-Lexical Questionnaire (COMITÊ NACIONAL, 2001) "To light a cigarette, do you use phosphorus or? ". The *corpus* is composed of data recorded in Brazilian capitals, except Palmas and Brasília, comprising a total of 200 informants, stratified according to sex (male and female), age range (18 to 30 years and 50 to 65 years) and schooling (fundamental and higher level). To do so, we aim to: (i) make a survey of variants registered in the capitals of Brazil; (ii) map the distribution of these variants across Brazilian territory; (iii) identify which variables contribute to the choice of one or another designation; and (iv) if possible, draw areas of isoléxicas.

Keywords: Linguistic Atlas of Brazil; Lexical variation; Brazilian capitals.

Recebido em 09 de setembro de 2017.

Aprovado em 25 de abril de 2018.

¹ Pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: amandachofard@hotmail.com

² Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Docente da Universidade Anhanguera. E-mail: dayse.lourenco1990@gmail.com

Introdução

A língua e seu léxico são capazes de caracterizar os sujeitos e as comunidades a que pertencem. Dessa forma, as escolhas lexicais podem, além de mostrar como determinado grupo fala, refletir quem faz parte desse grupo e quais são suas características sociais, tendo em vista, segundo Biderman (1989), que o léxico transmite a herança cultural de um povo que carrega crenças, valores e aspectos da vida em sociedade. As transformações sociais acarretam novas necessidades aos indivíduos e, conseqüentemente, na invenção de dispositivos capazes de preencher essas lacunas. Diante de novos instrumentos, são criadas novas lexias para denominá-los.

Nesse sentido, visamos analisar as variantes lexicais para designar o dispositivo utilizado para acender cigarro, cujo nome técnico é isqueiro, a partir da questão 173 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001) “Para acender um cigarro, se usa fósforo ou?” do projeto Atlas Linguístico do Brasil – doravante ALiB – cuja metodologia fundamenta-se na coleta de dados por meio de entrevistas *in loco*.

Partimos da Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista para analisar quais as designações dadas para isqueiro nas capitais brasileiras. Posto isso, objetivamos: (i) fazer um levantamento das variantes registradas nas capitais do Brasil; (ii) mapear a distribuição dessas variantes pelo território brasileiro; (iii) identificar quais as variáveis que contribuem para a escolha de uma ou outra designação; e, (iv) se possível, traçar áreas de isoléxicas.

Para tanto, primeiramente, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa. Em seguida, uma abordagem teórica sobre a Geolinguística Pluridimensional e os estudos sobre o léxico. Depois, abordamos a história da palavra isqueiro e sua dicionarização. E, por fim, analisamos os dados e mostramos nossas considerações finais.

1 Procedimentos Metodológicos

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dados extraídos do acervo do projeto ALiB, cuja coleta é realizada *in loco* e segue os pressupostos da Geolinguística Pluridimensional, isto é, associa a teoria da Dialetolegia tradicional (THUN, 1998) à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994 [1972]). As entrevistas, gravadas em MD (*mini disc*), transcrições e revisões foram realizadas pela do projeto ALiB.

Selecionamos a questão 173 “Para acender um cigarro, se usa fósforo ou?” e computamos todas as respostas dadas para essa questão. A amostra desta pesquisa constitui-se de 200 informantes, distribuídos nas 25 capitais brasileiras – exceto Palmas e Brasília, devido à recente fundação.

Os informantes estão estratificados segundo as variáveis sociais apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

Informante	Escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Superior	I (18-30 anos)	Masculino
06	Superior	I (18-30 anos)	Feminino
07	Superior	II (50-65 anos)	Masculino
08	Superior	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil

No intuito de observarmos as variantes realizadas, elencamos as respostas para os itens e realizamos a tabulação. Com a planilha montada, quantificamos os dados em percentual e números absolutos. Em seguida, verificamos se a distribuição das variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e a distribuição nos 25 pontos de inquérito) condicionaram as respostas.

Para melhor visualização da distribuição diatópica, elaboramos uma carta linguística por meio do SGVCLin – *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas, versão 1.1, 2014-15. Este sistema foi desenvolvido com o intuito de contribuir e permitir que o próprio linguista gere suas cartas. De acordo com Romano, Seabra e Oliveira (2014), trata-se de uma ferramenta que auxilia no armazenamento de informações e no processo de cartografia de dados linguísticos.

2 Geolinguística Pluridimensional

Segundo Cardoso (1999), o estudo acerca da diversidade linguística da Língua Portuguesa não é algo novo, é reconhecido desde o século XVIII, com foco nas diferenças entre o português do Brasil e o da Europa. Desde então, os estudos linguísticos ganham cada vez mais espaço e, boa parcela deles, caminham seguindo pressupostos dialetológicos.

O professor Nelson Rossi é conhecido por ter dado o primeiro passo para a Geolinguística, com o Atlas Prévios dos Falares Baianos (1963), tornando-se o pioneiro nas pesquisas de Geografia Linguística no Brasil.

De acordo com Bassi e Margotti (2012), a Geolinguística é um método utilizado pela Dialetologia e a pluridimensionalidade passa a ser incorporada quando a Geolinguística, além da visão diatópica, engloba a visão diastrática, levando em conta tanto os aspectos geográficos quanto os sociais.

Thun (1998), Bassi e Margotti (2012) afirmam que

a geolinguística pluridimensional é formada pelo eixo horizontal da Dialetologia e pelo eixo vertical da Sociolinguística. No primeiro eixo, inclui-se a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço geográfico, e no segundo eixo a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala (BASSI e MARGOTTI, 2012, p. 51).

A Geolinguística Pluridimensional conta com um método eficiente para o conhecimento das variedades linguísticas. Com a aplicação de questionários, ou por meio de diálogos (elocução livre), o pesquisador coleta dados capazes de descrever os falares de determinado grupo. Esses estudos têm contribuído significativamente para a caracterização do português brasileiro, registrando e analisando os seus diversos falares.

3 Estudos sobre Léxico

Enraizado na história e no contexto social, o léxico ilustra os saberes e a realidade de uma comunidade. Estando, portanto, em constante processo de dilatação, modificação e estreitamento. Assim,

Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo (VILELA, 1994, p. 6).

O léxico de uma língua abrange o conjunto de signos linguísticos por meio do qual os indivíduos são capazes de se comunicarem, se expressarem e, inclusive, adquirir e/ou assimilar conhecimentos (BIDERMAN, 1984). Ademais, o repertório linguístico e o nível lexical da língua ilustram a forma como os indivíduos estão no contexto em que se inserem, a forma como vêem o mundo, assim como a interação em diversos contextos comunicativos. Assim, o léxico é um forte caracterizador dos dialetos sociais, uma vez que reflete as experiências do falante (CÂMARA JUNIOR, 1985).

O léxico de uma língua atua como registro dos saberes, pois “ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998, p. 91).

A grande variação lexical brasileira se deve à influência de vários idiomas e culturas constituintes da população brasileira, afinal, “o léxico do português actual é o resultado de um fio condutor essencial, o que provém do latim, e de vários elementos, onde há empréstimos múltiplos e variados condicionamentos sócio-culturais” (VILELA, 1994, p.12).

Moreno Fernández (1998) designa variedades como conjunto de elementos ou de padrões linguísticos relacionados a fatores extralinguísticos. Assim, ao se deparar com fenômenos de variação, é inevitável questionamentos como a origem e a motivação para tais realizações, remetendo, dessa forma, aos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, uma vez que observam variáveis como a geografia, a história, entre outras.

Por figurar como o viés menos conservador da língua, o léxico reflete as mudanças sociais de determinada comunidade. Logo, o sistema lexical de uma região ilustra as relações estabelecidas dentro de uma comunidade ao longo do tempo.

4 História da Palavra Estudada

O isqueiro, de acordo com Marton (2015) para a Revista Superinteressante, foi inspirado pelas armas do século XIX, mais especificamente, pelas espingardas que possuíam o mesmo sistema de fricção. Passado o tempo, por volta de 1940, ainda segundo o referido autor, os isqueiros passam a ser vistos com o funcionamento a gás e em 1961, com o uso dos derivados do petróleo como matéria-prima, passam a surgir os modelos descartáveis. Marton (2015) explica, ainda, que a delonga deve-se aos

inúmeros processos pelos quais fora necessário passar para chegar ao atual isqueirinho de dois reais.

5 Dicionarização

Isqueiro, a variante quase categórica na fala dos informantes das capitais, encontra-se dicionarizada da seguinte forma.

No Dicionário Contemporâneo Caldas Aulete: “Isqueiro, s.m. (Bras.) (ant.) pequena caixa, feita de chifre em que os fumadores guardavam a isca. (Mod.) Acendedor automático; acendalha: estaca... para enrolar um cigarro, bater o isqueiro (Eucl. da Cunha, Sertões, p. 144, ed. 1936). F. Isca.”

No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: “Isqueiro. [De isca + -eiro, poss.] S.m.. Pequeno aparelho munido de uma torcida embebida de gasolina, ou de um reservatório de gás, que, inflamando-se, serve para acender cigarros e para outros fins; acendedor: “Premiu a mola do isqueiro, acendeu o cigarro na chama amarelada” (Nélson de Faria, Tiziu e Outras Estórias, p.74). [Sin. (bras., pop. RB e BA): artifício.”

E no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: “Isqueiro s.m. (1899 CF) objeto munido de pederneira, a qual, ao ser atritada, produz centelhas que inflamam um pavio [Usado para acender cigarros, charutos e cachimbos]. ETIM ‘isca+ -eiro, com alt. -c>-qu;ver ed-”.

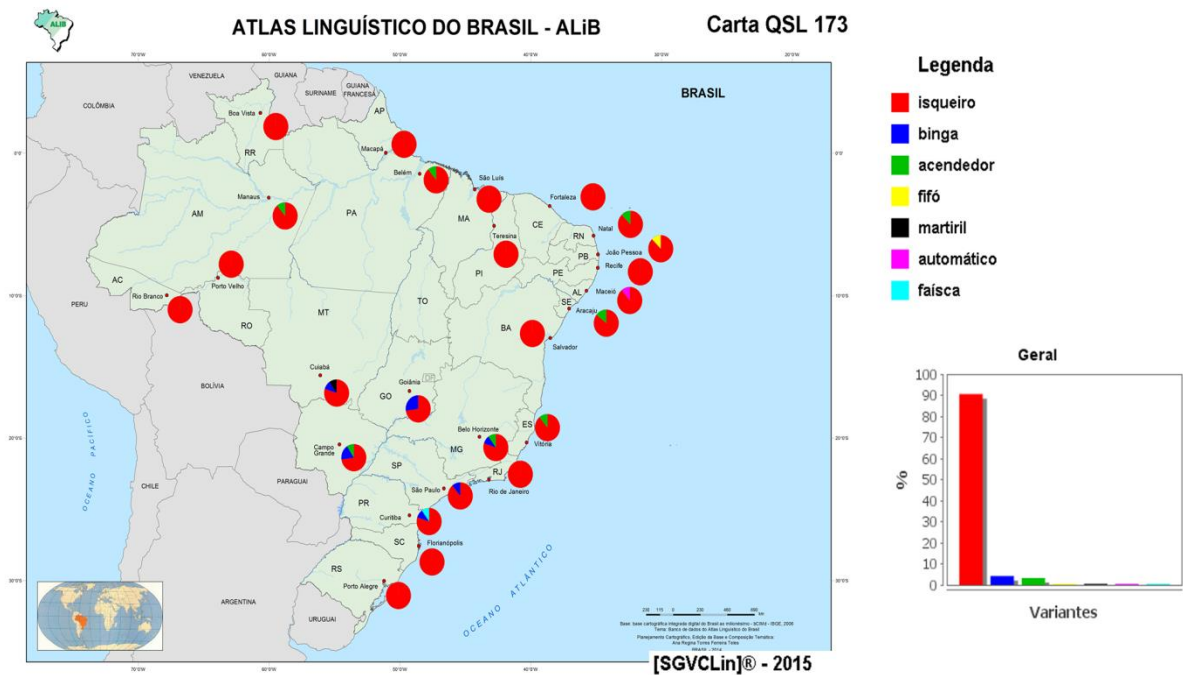
6 Análise dos Dados

Primeiramente, realizamos a tabulação, descrição e análise de todas as unidades lexicais que designam o referente *isqueiro*. Em seguida, elaboramos uma carta linguística no intuito de ilustrar a divisão diatópica das variantes e, por fim, verificamos se, e em que medida, os fatores sociais (sexo, faixa etária e localidade) condicionam as escolhas lexicais dos informantes.

Posto isso, iniciamos a catalogação dos dados, a qual documentou sete designações: isqueiro, binga, acendedor, martiril, faísca, automático e fifó, totalizando 213 respostas. Destacamos, contudo, que o número de respostas é maior que o número de informantes porque consideramos todas as respostas dadas e não somente a primeira resposta.

A partir da carta linguística elaborada, ilustramos a variação diatópica.

Figura 1 - Distribuição diatópica das designações para isqueiro



Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental *ad hoc* gerada a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborada e revisada pelas autoras

Por meio da carta linguística, podemos observar que a variante isqueiro realiza-se em todo o território nacional. Além da variante isqueiro, foram encontradas outras formas, as quais foram obtidas, em sua maioria, como segunda resposta, isto é, quando o inquiridor questionava o conhecimento de outras formas. Esse cenário pode caracterizar certo desprestígio linguístico em relação às demais formas, pois mesmo sendo conhecidas pelos informantes, foram desprezadas e reveladas, apenas, mediante questionamento mais aprofundado. A partir desse dado, assinalamos que os informantes preferem amplamente a forma dicionarizada e de prestígio do referente, como podemos verificar em números absolutos e percentuais no quadro 2.

Quadro 2 - Designações para isqueiro em números absolutos e percentuais

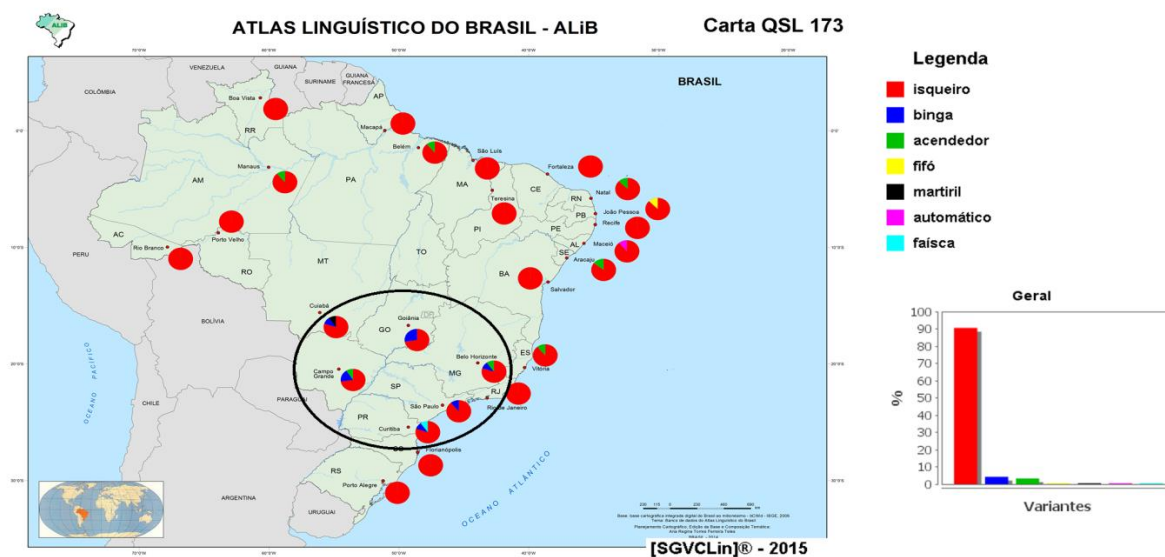
Questão Para acender um cigarro, se usa fósforo ou?

Variantes	Número de ocorrências	%
isqueiro	193	90.61%
binga	9	4.23%
acendedor	7	3.29%
martiril	1	0.47%
faísca	1	0.47%
automático	1	0.47%
fifô	1	0.47%
	213	

Fonte: Base de dados projeto ALiB – relatório gerado a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborado e revisado pelas autoras

A partir dos dados apresentados no quadro 1, confirmamos a grande preferência dos informantes pela variante isqueiro, apresentando 193 ocorrências ou 90.61% do total de respostas. A segunda variante mais realizada é binga, que conta com nove ocorrências e 4.23% de respostas. Além disso, destacamos que a variante binga constitui uma isoléxica, ou seja, uma linha imaginária delimitando uma fronteira da realização de uma variante lexical, como pode ser observado na figura 2.

Figura 2 - Isoléxica da variante binga



Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental *ad hoc* gerada a partir do *software* SGVCLin (2015), elaborada, revisada e adaptada pelas autoras

A variante lexical *binga* foi realizada em Cuiabá, Goiânia, Campo Grande, Belo Horizonte, São Paulo e Curitiba, delimitando uma isoléxica na região centro-sul do país.

Amadeu Amaral (1982 [1920])³ atestou sobre a herança do vocabulário africano, dizendo que

A maior parte dos vocábulo africanos existentes no dialeto caipira não são aquisições próprias. A colaboração do negro, por mais estranho que o pareça, limitou-se à fonética; o que dele nos resta no vocabulário rústico são termos correntes no país inteiro e até em Portugal.

Binga, segundo Amadeu Amaral (1982 [1920]), consiste em resquício do vocabulário negro plantado em território brasileiro e português. Ainda, essa variante encontra-se no “Vocabulário de termos e expressões populares e regionais” com a definição: “*Binga*: *Isqueiro*, “*cirnim-boque*”, parte do ‘artifício’ em que se coloca a isca.”.

As demais formas, *acendedor*, *martiril*, *faisca*, *automático* e *fifó*, foram realizadas de forma isolada.

Além da variação diatópica, analisamos a variação diassexual, ou seja, a variação condicionada pelo sexo do informante, apresentada no quadro 3.

³ Data da primeira publicação da obra.

Quadro 3 - Variação diassexual em números absolutos e percentuais

Questão Para acender um cigarro, se usa fósforo ou?

Variantes	Número de ocorrências	%
Feminino		
isqueiro	97	89.81%
binga	5	4.63%
acendedor	4	3.70%
automático	1	0.93%
faisca	1	0.93%
	108	
Masculino		
isqueiro	96	91.43%
binga	4	3.81%
acendedor	3	2.86%
martiril	1	0.95%
fifó	1	0.95%
	105	

Fonte: Base de dados projeto ALiB – relatório gerado a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborado e revisado pelas autoras

A variação diassexual não se mostra significativa no condicionamento das respostas. Em seguida, analisamos a variação diageracional, ou seja, segundo a faixa etária, apresentada no quadro 4.

Quadro 4 - Variação diageracional em números absolutos e percentuais

Questão Para acender um cigarro, se usa fósforo ou?

Variantes	Número de ocorrências	%
Faixa I		
isqueiro	96	91.43%
binga	4	3.81%
acendedor	3	2.86%
automático	1	0.95%
faisca	1	0.95%
	105	
Faixa II		
isqueiro	97	89.81%
binga	5	4.63%
acendedor	4	3.70%
martiril	1	0.93%
fifó	1	0.93%
	108	

Fonte: Base de dados projeto ALiB – relatório gerado a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborado e revisado pelas autoras

A variação diageracional também não se mostra significativa no condicionamento das respostas. Em seguida, analisamos a variação diastrática, ou seja, segundo a escolaridade, apresentada no quadro 5.

Quadro 5 - Variação diastrática em números absolutos e percentuais

Questão Para acender um cigarro, se usa fósforo ou?		
Variantes	Número de ocorrências	%
Fundamental		
isqueiro	96	89.72%
binga	6	5.61%
acendedor	2	1.87%
automático	1	0.93%
faisca	1	0.93%
martiril	1	0.93%
	107	
Superior		
isqueiro	97	91.51%
acendedor	5	4.72%
binga	3	2.83%
fifó	1	0.94%
	106	

Fonte: Base de dados projeto ALiB – relatório gerado a partir do *software* SGVCLin (2015) elaborado e revisado pelas autoras

A variação diastrática demonstra que os informantes de escolaridade fundamental apresentam mais variantes (seis) em comparação aos informantes de escolaridade superior (quatro). Ainda, os informantes de escolaridade superior apresentam um percentual maior (91,51%) para realização da variante isqueiro do que os informantes de escolaridade fundamental (89,72%). Ainda que a diferença seja pequena, é um cenário que pode permitir a inferência de que os informantes com escolaridade superior optam mais pela variante de prestígio.

Considerações finais

A partir da análise do *corpus*, constatamos a predominância da variante isqueiro em todas as capitais brasileiras. Por ser a variante mais dicionarizada e considerada a padrão, concluímos a preferência pela variedade de prestígio pelos informantes, uma vez que todas as demais designações representam um montante muito pequeno e, ainda, apresentaram-se como segunda resposta, ou seja, a partir de um segundo questionamento do inquiridor.

Detectamos, ainda, uma isoléxica no centro-sul do país (Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) da variante binga.

No que diz respeito às variáveis sociais, verificamos que os fatores faixa etária e sexo não condicionam as respostas, no entanto, é possível notar uma sutil diferença entre os níveis de escolaridade, uma vez que os informantes de nível fundamental apresentam mais variantes do que os de nível superior que, por sua vez, apresentam um percentual mais de preferência pela variante de prestígio.

Feitas as considerações, esperamos contribuir para os estudos de descrição linguística.

Referências

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: Hucitec, 1982 [1920].

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. III volume. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, F. C. *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012, p. 49-78.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *A ciência da lexicografia*. São Paulo: Alfa, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico, testemunha de uma cultura. *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas*. Universidade de Santiago de Compostela, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e linguística portuguesa*. n. 2, 1998. p. 81-118.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARDOSO, S. A. M.. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. *Revista Delta*. Vol.15, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 20 set. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTON, Fábio. A ciência de um isqueiro. *Revista Superinteressante*. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-de-um-isqueiro>>. Acesso em: 20 set. 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol. 22, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5757>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. [SGVCLin] - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VOCABULÁRIO de termos e expressões populares e regionais. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/vocabulario-de-terminos-e-expressoes-regionais-e-populares>>. Acesso em: 13 mar. 2017.